

O que é ser jovem na cidade de São Luís-MA? Relatos das juventudes em seus territórios.¹

Ana Carolina Torrente Pereira (SEDUC/MA – Maranhão)

Andréa Joana Sodre de Sousa Garcia (SEDUC/MA - Maranhão)

Palavras-chave: Juventudes, território urbano, educação

1. Introdução

A ideia da sociologia sobre a juventude apresenta aspectos interessantes, colocando este termo como uma categoria socialmente construída. Desta forma pode-se pensar em como se observou as juventudes nas diferentes sociedades e nos diversos momentos históricos da humanidade. Este texto tenta refletir sobre esta categoria para tentar desvendar algumas questões que se colocam sobre os jovens a partir do ambiente escolar. Compreender esse agrupamento se faz necessário para pensar nas questões educacionais postas nesses tempos que se permeiam de caracterizações próprias, como ser um momento pós-pandemia, de manifestação escancarada de pensamentos e grupos de extrema-direita, crises ambientais, revisão de epistemologias da modernidade ocidental, estruturas de poder em movimento, as tecnologias e rede de internet se colocando como importante território das mais variadas interações humanas, o individualismo neoliberal se intensificando e um aprofundamento das desigualdades sociais. Estas características se compõem, se atrelam, perpassam e se conectam, e definem o momento histórico de nossa vivência. As juventudes não estão isentas desses processos todos, aliás são importantes agentes dessas dinâmicas, e observá-los pode proporcionar um retrato deste momento histórico, assinalando também algumas possibilidades para um futuro próximo.

A ideia deste artigo nasce de nosso sentimento de angústia no trabalho docente, em que a visão de abismo entre estudantes e professorado aumentam cada vez mais por uma incompreensão sobre os indivíduos com os quais estamos lidando em nosso trabalho. A sensação de desconexão é avassaladora, levando ao profundo sentimento de falta de sentido no trabalho que se tenta realizar. Trabalho este que acreditamos ser importante fator de transformação social diante ao contexto histórico crítico desenhado acima.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

Ideias de senso comum como pensá-los de maneira pejorativa, com a ideia de juventude perdida, que não pensam no futuro, que não tem comprometimento com nada, são extremamente perigosas, mas estão sendo proliferadas socialmente inclusive entre profissionais da educação. Essas ideias são coladas nesses indivíduos como se isto os definissem propriamente, sem que haja uma reflexão da posição desses sujeitos e, de que, eles representam o momento social que vigora (ABRAMO, 1997).

Assim como em Silva (2009), aqui os jovens serão tratados como potência de vida, em que

[...]tendo por base os escritos de Espinosa e Deleuze afirma que os corpos são campos de forças vivas e que, por isso possuem o poder de afetar e ser afetados. Nessa perspectiva, o autor nos fala que a vida tem uma potência política “na medida em que faz variar suas formas e reinventa suas coordenadas de enunciação” (PELBART, 2003, p. 83 apud SILVA, 2009, p. 1).

Os jovens estão tentando lidar com o mundo social disposto por nós. Eles são muitas vezes o reflexo/reprodução da sociedade que somos e que constituímos, ao mesmo tempo em que estão reconstruindo novas possibilidades a partir de suas interações diversas e complexas do cotidiano. Precisam lidar com as crises sociais do momento, além de lidar com seus próprios conflitos do período de transição e constituição de identidade de cada um. Estão lidando com as agruras que perturbam a vida de seus pais e familiares, com as projeções desses entes próximos, com as violências da vida urbana das periferias em que vivem, com as opressões que limitam suas performances e buscam padronizar, enquadrar seus comportamentos, pensamentos. Reconhecê-los é fundamental para ajustar nosso diálogo e buscar um caminho educativo que faça sentido tanto para os jovens como para os professores em seu trabalho.

[...] jovens e adultos nas escolas lembrou-me uma passagem do livro Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol; sobre o ronronar dos gatos, Alice comentou: “É um hábito muito inconveniente dos gatinhos responderem sempre com um ronrom a qualquer coisa que se diga (...) como conversar com alguém que sempre diz a mesma coisa?” (CARRANO, 2005, p. 157).

A observação das vivências juvenis nos dá pistas para esse processo de compreensão, além de proporcionar o entendimento de quais questões os permeiam e os afetam, por onde caminham em seu cotidiano e assim como estão formulando suas identidades e culturas juvenis. Nesta pesquisa será utilizado o espaço urbano como território² de aprendizado e constituição de si próprios. Pela cidade, em seus bairros, na

² Como definição de território usaremos esta perspectiva de Milton Santos: “O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas

rua realizam também trocas sociais e interações e assim vão gerando suas experiências e experimentações. Segundo Leal e Lima (2021)

Somos seres sociais cujas práticas espaciais se inscrevem na nossa relação com o mundo, na nossa sobrevivência e na nossa existência. O lugar onde moramos - no campo ou na cidade, por exemplo -, os espaços entre os quais e para os quais nos movimentamos diariamente, dos quais gostamos ou não, e nos quais vivemos (des)encontros com os/as outros/as, nos (con)formam e condicionam como sujeitos de vida e história. Tudo isto ganha diferentes contornos a depender de nossa classe social, raça/etnia, gênero e, dentre outros marcadores, de nossa faixa etária. Enfim, os lugares por onde andamos, que frequentamos, onde vivemos, fazem parte do que nós somos, assim como também somos parte deles, não é assim? (LEAL; LIMA, 202, p. 30).

Essas práticas territorializadas, as relações que se configuram por meio delas, nos possibilita reconhecer e identificar nossos jovens e assim buscar a realização de um diálogo e comunicação que realmente consigam cultivar processos educativos que levam a autonomias efetivas das juventudes, que consigam realizar a individuação que tentam levar a trajetórias futuras mais livres, autônomas, solidárias. Para que efetivamente a educação tenham um propósito de transformações internas e assim transformações externas.

O objetivo deste artigo está em identificar, compreender e reconhecer as juventudes presentes no Centro de Ensino Humberto de Campos, escola estadual da rede básica de ensino do Maranhão, por meio das representações destes jovens sobre a cidade de São Luís a fim de refletir sobre os caminhos educativos que lhes faça sentido e engrandeça suas experiências escolares tornando a escola um local de autonomia e aprendizado amplo, significativo e solidário.

2. Metodologia

O principal elemento de pesquisa para este trabalho é o acompanhamento e observação dos estudantes durante as aulas ministradas por nós. Mas, para além das observações foram utilizados outros métodos para compor este trabalho. Em termos de dinâmicas criteriosas para desenvolvimento deste artigo serão utilizados métodos qualitativos e quantitativos. Para possibilitar a coleta de percepções utilizamos estratégias

pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre as quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se, pois, de logo, entender que está se falando em território usado, utilizado por uma dada população. (SANTOS, 2000, p. 96 apud LEAL; LIMA, 2021, p. 18)”.

diversas para buscar uma aproximação maior das subjetividades expressas pelos discentes. As percepções dos alunos e alunas foram retiradas de um processo de 3 encontros de 1 hora e 40 minutos cada, em que no primeiro momento os jovens identificaram seu lugar de moradia por meio do aplicativo *Google Earth*³, para que aqui fossem reconhecidos seus bairros e fossem coletados alguns comentários e expressão de sentimentos. No segundo momento foi realizada uma roda de conversa a qual propusemos alguns questionamentos sobre a cidade de São Luís, estas questões foram inspiradas pelo trabalho de Cassab (2010). E no terceiro momento os alunos e alunas trouxeram imagens de locais da cidade que lhes tocava de alguma forma então pedi que eles me contassem as motivações de terem escolhidos esses lugares. Concomitantemente a este momento aplicamos uma pesquisa quantitativa para complementar algumas informações de perfil socioeconômico desses estudantes. Para os aspectos teóricos foi utilizado uma bibliografia vinculada a vários artigos sobre temáticas que abordam e perpassam as juventudes. A trajetória teórica se articula por definições sobre juventudes, a importância do território/espço no caso em específico do espaço urbano para pensar as identidades juvenis e as relações entre as juventudes e a escola. A realização desta pesquisa depende da utilização conjunta de metodologias e técnicas de pesquisas quantitativas e qualitativas. O uso dessas metodologias, segundo Dietrich, Loison e Roupnel (2015, p.172), “[...] permite pousar um duplo olhar sobre um mesmo objeto” sendo que “[...] os resultados obtidos com o auxílio de um método podem ser validados, invalidados ou relativizados pela outra abordagem”.

3. Juventudes: entre falas e escutas

3.1. Falas sobre as juventudes

Ao pensar a juventude por uma perspectiva da sociologia é primordial apontar que como tantas outras, esta é uma categoria construída pela própria sociedade. Ela não se coloca de maneira natural, questão apontada por Bourdieu (1984) que nos lembra que a divisão social das idades é aleatória, estão dispostas no campo social como elemento de disputa. Não há fronteiras específicas que limitam o que é a juventude e o que é a velhice, havendo tensões ou não a partir das disposições do campo social. Bourdieu apresenta o seguinte exemplo:

³ Alguns estudantes apontaram que algumas imagens do aplicativo eram antigas. Mas foi possível identificar as localidades de moradia.

Por exemplo, há alguns anos li um artigo sobre as relações entre os jovens e os notáveis na Florença do século XVI que mostrava que os velhos propunham aos jovens uma ideologia da virilidade, da virtú e da violência, o que era uma maneira de se reservar a sabedoria, isto é, o poder: Da mesma forma, Georges Ouby mostra bem como, na Idade Média, os limites da juventude eram objeto de manipulação por parte dos detentores do patrimônio, cujo objetivo era manter em estado de juventude, isto é, de irresponsabilidade, os jovens nobres que poderiam pretender à sucessão (BOURDIEU, 1984, p. 151).

Percebemos no primeiro exemplo como os chamados jovens são colocados e enquadrados com caracterizações que os deixam com papel subalterno ao grupo categorizado como “*velhos*”, que estabeleceram como fator de superioridade o que este grupo conseguia dispor, que era a sabedoria. Já na idade média, aqueles nobres que possuíam patrimônio colocavam em “estado de juventude” os que poderiam sucedê-los. A este “estado” foi atribuído qualitativos de deslegitimação como por exemplo a caracterização de serem irresponsáveis. Outro exemplo interessante é apresentado por Bourdieu (1984) quando recorda que no *rugby* há uma exaltação por parte de dirigentes e comentadores dos “bons rapazes”, que eram os jogadores com grandes habilidades físicas e bastante dóceis, em que prevalecia o “Seja forte e cale-se, não pense” (p. 152). Esta exposição evidencia que na sociedade podemos obter variadas divisões por poder, em que o campo de disputa se ordena em classificações e estratégias são lançadas para manutenção das disposições e hierarquias de poder. Neste caso em específico, Bourdieu fala nas classificações por idade, assim como acontecem em relação a sexo e classe (BOURDIEU, 1984). O autor segue apresentando as caracterizações de jovens e velhos que são atreladas aos sentidos de poder, em que qualitativos atribuídos a adultos, velhos e nobres são mais encontrados em jovens de classe dominante,

As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. Se comparássemos os jovens das diferentes frações da classe dominante, por exemplo, todos os alunos que entram na École Normale, na ENA, etc., no mesmo ano, veríamos que estes “jovens” possuem tanto mais dos atributos do adulto, do velho, do nobre, do notável, etc., quanto mais próximos se encontrarem do pólo do poder (BOURDIEU, 1984, p. 152).

A ideia de colocar todos os indivíduos de mesma idade biológica no agrupamento que chamamos de jovens é uma construção social que podemos manipular, modificar. Colocar os indivíduos em uma categoria chamada jovem, como se fossem uma unidade social destoa da realidade que apresenta de maneira equivocada os interesses dos jovens atrelados a sua idade biológica (Bourdieu, 1984). Interessante pensar em juventudes, em que se pode comparar suas condições de vida,

[...] poderíamos comparar sistematicamente as condições de vida, o mercado de trabalho, o orçamento do tempo, etc., dos “jovens” que já trabalham e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes: de um lado, as coerções do universo econômico real, apenas atenuadas pela solidariedade familiar; do outro, as facilidades de uma economia de assistidos quase Iúdica, fundada na subvenção, com alimentação e moradia e preços baixos, entradas para teatro e cinema a preço reduzido, etc (BOURDIEU, 1984, p. 153).

O autor apresenta as disposições de polos extremos das condições de vida aplicadas as duas juventudes, sendo que de um lado há o estudante burguês e do outro o jovem operário ao qual se nega a adolescência. Entre eles se apresentam algumas personalidades intermediárias. Nesta abordagem, Bourdieu vai apontar que as transformações no sistema educacional, em que os jovens das classes operárias passam a transitar neste espaço, causa uma confusão sobre as caracterizações juvenis opostas. Agora, os indivíduos de mesma idade biológica dos jovens estudantes burgueses também passam a alcançar o que o autor chama de “[...] adolescência [...] status temporário, ‘meio-criança, meio-adulto’; ‘nem criança, nem adulto’ (1984, p. 154)”. Esta inserção dos jovens de classe operária nas escolas provoca uma desnaturalização das caracterizações atribuídas a esta categoria etária. Anteriormente partindo da consideração de que a adolescência era o que estava atribuído aos estudantes burgueses, que viviam praticamente em isolamento social, desfrutando de seus privilégios e de uma preparação própria para as “altas funções” sociais, acaba por ser abalado quando as vivências da juventude operária se integram ao ambiente escolar, provocando uma “ruptura” do que se apresentava com a ideia de obviedade/naturalidade do que seria ser jovem (BOURDIEU, 1984, p. 155). Estas questões colocadas por Bourdieu (1984) podem nos nortear quanto a pensar nas rupturas constantes colocadas no sistema de educação pública brasileiro desde sua democratização de acesso na década de 1970 (KOSLINSKI; RIBEIRO, 2010).

Bourdieu também nos aponta questões importantes sobre os conflitos de gerações, que podemos observar presente dentro das famílias, da sociedade, do Estado, das escolas. A discordância geracional está vinculada com as diferenças entre as pretensões, anseios das diferentes gerações que são ocasionadas pela distinta distribuição de bens, de oportunidades e de acesso aos bens de cada geração. O que podia ser observado como grandes privilégios para uma geração, para a outra torna-se algo corriqueiro (Bourdieu, 1984). Os atritos entre juventudes e as outras categorias etárias também pode se estabelecer pelo movimento da disputa em que os velhos podem vislumbrar a perda de poder dentro do campo social, ocasionando um declínio de sua hierarquia,

Evidentemente nem todos os velhos são anti-jovens, mas a velhice também é um declínio social, uma perda de poder social e através deste viés, os velhos têm, no que se refere aos jovens, uma relação que também é característica das classes em declínio. (BOURDIEU, 1984, p. 160).

Reforçando algumas abordagens de Bourdieu (1984), em termos históricos, Cardoso e Turra Neto (2011) realizam uma retomada dos autores Abramso (1994) e Dayrell (2005) que demonstram que a criação da categoria juventudes remonta do período histórico que chamamos de modernidade. Anteriormente não havia diferenciação entre os grupos por meio de fatores etários. Não havia especificações de locais próprios para socialização dos indivíduos de menor idade (como as escolas), e este processo estava inserido nos mais variados momentos das relações sociais como em festividades, cerimônias, trabalho, que eram vistos como momentos de aprendizado. Algumas especificidades da modernidade fizeram aparecer a classificação de juventude, tais como aponta Cardoso e Turra Neto “[...] a criação de instituições educativas; a privatização da vida social; a separação do tempo-espço privado do tempo-espço público e de trabalho.” (Abramo, 1994; Dayrell, 2005, apud Cardoso; Turra Neto, 2011, p. 2).

No decorrer do século XX novas questões foram colocadas sobre esta categoria com a adesão a ela dos mais variados setores da sociedade, fazendo com que se aprofundassem o processo de diversificação e pluralização da denominação juventude. Novos contextos e espaços foram sendo apropriados e suas existências eram presentes em localidades que não se restringiam aos ambientes escolares e universidades. Assim como suas manifestações marcavam os lugares com seus comportamentos e expressões caracterizados como “*fora da ordem*” (CARDOSO; TURRA NETO, 2011).

A escola e a universidade já não eram mais os únicos contextos onde jovens encontravam-se reunidos e de onde poderiam surgir grupos que ganhavam visibilidade por comportamentos, expressões, manifestações “fora da ordem”. Os campos do lazer e do consumo, articuladas à indústria cultural de massa e a constituição de espaços especificamente voltados ao público jovem, nas cidades, tornaram-se também importantes cenários de articulação de grupos juvenis. (CARDOSO; TURRA NETO, 2011, p. 3).

Com esta pluralidade posta, vê-los como singulares se torna impossível, e a própria palavra passar a ser pensada no plural, juventudes. Sociologicamente as preocupações não se vinculam mais a definições generalizadas da juventude, mas sim nas “formas de ser jovem” considerando os cenários aos quais estes grupos estavam inseridos e suas manifestações (CARDOSO; TURRA NETO, 2011). Carrano (2005) aborda a pluralidade das juventudes com exemplos significativos,

Os gostos, as atitudes e comportamentos dos jovens se identificam atualmente pela multiplicidade e a ambivalência. É impossível reunir diversas condições sociais de existência em diferentes contextos e caracterizar uma única cultura da juventude. Num mesmo ambiente, em uma mesma festa de família, se pode encontrar o jovem punk e o executivo; o ateu e o evangélico; o sério e o irônico; o que não fala com os pais e aquele que, ao contrário, estabelece com eles uma relação intensa; o que adora o estudo ou a escola e o que considera o esforço intelectual ou a vida escolar um aborrecimento ou perda de tempo (CARRANO, 2005, p. 157-158).

Para Cardoso e Turra Neto (2011), os estudiosos das juventudes acabam direcionando suas pesquisas por duas linhas de interpretação em que os pensa a partir de suas situações de vida a partir das localidades de suas vivências e a que tem enfoque nas manifestações culturais produzidas por eles. Essas questões acabam por demonstrar seus processos de socialização e como estes indivíduos se compõem junto e a partir de seus territórios⁴ de interação. Aqui, utilizaremos abordagens sobre território que perpassam autores como Milton Santos (como indicado na introdução deste artigo) e agregaremos Silva (2009), que mais especificamente nos dá o seguinte caminho

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’. O território é sinônimo de apropriação, se subjetivação fechada sobre si mesma. Ela é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323 apud SILVA, p. 3, 2009).

Em suas discussões sobre territorialidades e juventude, Cardoso e Turra Neto (2011) apresentam as conexões existentes entre as relações sociais, o espaço e o tempo, explicitando que não há dissociação entre estes elementos, assim “[as relações sociais] são fundamentalmente ‘espaço-temporais’, e o lugar emerge como eventualidade de trajetórias sociais e não-humanas que se encontram [...]” (CARDOSO; TURRA NETO, 2011, p. 5). Pensar as juventudes sem pensar seus lugares, seus territórios nos distanciam das possibilidades de reconhecê-los em suas diversidades e complexidades. O que nos leva a pensar na importância em compreender a relação que estes indivíduos desenvolvem em seus espaços de moradia e circulação cotidiana, como por exemplo a cidade

Nas periferias, em que estão boa parte dos jovens de classes populares, há uma ausência de variadas estruturas urbanas e muitas vezes as existentes estão em situação precária. As condições aos quais essas juventudes estão expostas, como por exemplo a

⁴ Consideramos que há diversas abordagens sobre o termo território e que este passa por várias discussões e disputas. Para este trabalho iremos considerar os autores que inspiram o marco teórico disposto no artigo.

violência, também os prejudica e os impacta. Estas dificuldades impõem a esses jovens que eles consigam ter facilidade de adaptação, já que há uma inconstância e falta de estabilidade na realidade em que estão inseridos (CARDOSO; TURRA NETO, 2011, p. 7). Estas questões também estão vinculadas a como este grupo se coloca e modifica o território urbano ao qual circulam. Segundo Carrano,

Mesmo diante dos graves problemas de sobrevivência e da falta de horizontes, muitos grupos juvenis procuram contornar a precariedade material elaborando alternativas culturais nos múltiplos e também conflituosos territórios da cidade. Ao atribuírem novos sentidos a esses espaços, os jovens os transformam cultural e simbolicamente em lugares marcados por suas próprias identidades. A juvenização das cidades cria, em certo sentido, a consciência de que os jovens não vivem nos mesmos lugares que os adultos; alguns chegam a admitir que os jovens parecem viver em outro mundo (CARRANO, 2005, p. 157).

Essa perspectiva de mundos divergentes e em disputa, sendo o mundo/espaço/território das juventudes e o mundo/espaço/território dos adultos, dificulta bastante a comunicação desses grupos causando danos nos processos educacionais, “Um desafio que se apresenta para o campo educacional é o de conseguir os necessários “vistos” e “passaportes” para a viagem que é dialogar e mesmo compartilhar dos sentidos culturais que são elaborados nas múltiplas redes sociais da juventude” (CARRANO, 2005, p. 157).

Desconsiderar esse aspecto da diversidade das juventudes, suas identidades e os territórios que transitam é desconsiderá-los, e em termos educacionais faz com que se erga um muro que impede a construção do processo de ensino-aprendizagem, o que causa a sensação traiçoeira de impossibilidade de produção de pontes entre os envolvidos neste movimento. Como em qualquer situação de criação de muros no lugar de pontes, há consequências sentidas por todas as partes em que acaba por prevalecer variados tipos de violências.

Leal e Lima (2021) nos indica algumas possibilidades para destravar a comunicação, de tentar acabar com essas barreiras. Apresentam a necessidade de reconhecimento dos territórios juvenis para que seja possível entender as culturas, visão de mundo, modos de existir desses jovens e assim buscar incrementar os processos educativos diante esses indivíduos. Seus territórios e a relação que os jovens travam com eles evidenciam suas representações e percepções. A compreensão desses aspectos pode levar a qualificação dos momentos escolares, já que levaria a entender como os jovens percebem e vivem a realidade. Outro fator interessante é ampliar a visão sobre os

possíveis espaços educacionais. Os locais de vivências cotidianas, lugares em que os jovens desenvolvem suas interações e relações sociais agregam potencialidades de aprendizado e são primordiais para ampliação de engrandecimento educacional amplo e solidário, sendo

[...] fundamental percebermos que, para além dos espaços escolares, os territórios e lugares de vivência e convivências das juventudes possuem potenciais oportunidades de aprendizado e crescimento pessoal. [...] Tais espaços possibilitam aprendizagens juvenis, proporcionam a expressão de suas diferentes linguagens, potencializam sua criatividade e autonomia, construindo outras relações sociais, afetivas e de poder [...] (LEAL; LIMA, 2021, p. 37)

Os territórios juvenis perpassam a escola, o que nos orienta a pensar que não há como falar de mundo de jovens e mundo escolar de maneira dissociada. Carrano (2005) apresenta o espaço escolar como elemento de diversidades e pluralidades juvenis⁵, e sendo essa multiplicidade construída na relação entre os jovens, a escola e o entorno urbano que os cerca, indicando um “sistema territorial de formação” (CARRANO, 2005, p. 156). Quando a escola ignora esses processos educativos para além de seus muros ela se enclausura restringindo e praticamente negando aos jovens suas potencialidades, desenvolvendo processos de falta de reconhecimento do existir, sentir e ser destes indivíduos (que deveriam ser seu objetivo máximo).

Quando a escola não reconhece a existência de outros processos culturais educadores, ela fecha-se em si mesma. O comunitário não é somente o extra-escolar, considerado como o espaço dos saberes do senso comum; ele é também o território social e simbólico no qual a prática popular elabora aquilo que Paulo Freire chamou de saber da experiência feito (FREIRE, 1995). (CARRANO, 2005, p. 156).

Essa dissonância gerada pelo enquadramento da escola como local único de aprendizado e de instituição homogeneizadora de juventudes apresenta graves consequências, que muitas vezes são silenciosas. Carrano (2005, p. 161) cita uma delas “A evasão escolar não tem sido precedida de uma silenciosa evasão da “presença” por inteiro do jovem na escola?”. A questão da evasão escolar é um dos grandes sintomas das inadequações deste modelo de escola que ainda prevalece. A modificação destas ocorrências em que presenciamos o abismo que se impõe no diálogo entre a escola e as juventudes perpassa pelas possibilidades de realmente buscar uma relação mais proximal entre os jovens e o território escolar, reconhecendo as juventudes em suas vivências, cotidianos, espaços, cultura, e não mais os reconhecendo por concepções caricaturais que

⁵ Especificamente neste trabalho a pluralidade e diversidade juvenil é observada para a escola pública.

os marginaliza e os coloca no campo de inimigos, de inadequados, de seres inferiores que precisam de controle e serem formatados.

A atenção com as culturas dos grupos da juventude pode permitir que falemos de dimensões normalmente negligenciadas na escola: a festa, a leveza, a sensibilidade, a identidade coletiva e a solidariedade que recompõe vínculos comunitários numa sociedade que promove e cultua o isolamento, mas contraditoriamente condena a violência. É preciso sair da armadilha cultural e política dos que só enxergam delinquência e violência nos grupos da juventude (CARRANO, 2005, p. 161).

O autor nos apresenta as bases históricas, sociais e políticas de como se estabeleceram as escolas,

O processo de escolarização foi também um amplo processo de mudança de prioridades culturais. A escola surge não apenas para ensinar saberes, mas fundamentalmente para adaptar e sujeitar os corpos dos trabalhadores da modernidade industrial capitalista. A educação escolar seguiu um longo caminho, rejeitando outras formas de convívio social e transmissão de conhecimentos que não espelhavam a reprodução cultural institucionalizada nos ambientes escolares. Ainda hoje, muito do que se entende como currículos multiculturais se aproxima daquilo que Pierre Bourdieu denominou “estratégias de condescendência” ante às culturas não-escolares, ou seja, a instituição escolar seria tolerante com manifestações culturais extra-escolares, desde que estas confirmassem, ou mesmo não atrapalhassem em demasia, os tempos, os espaços e lógicas organizadoras da instituição (CARRANO, 2005, p. 155).

Assim, a escola precisa ser um lugar que quebra com as lógicas da modernidade capitalista de uma única racionalidade, esse espaço deve apresentar-se como território das juventudes que estimule questionamentos sobre os enquadramentos sociais que buscam afastá-los do pensamento crítico e autônomo embasado por solidariedade.

As percepções de juventudes apresentadas buscam entendê-los em perspectivas relacionais com seus territórios, escancarando a importância desta categoria diante aos processos de socialização, interação e construção de identidades heterogêneas para compreender as possibilidades de potencializar os caminhos educativos e minimizar os muros entre a escola e os jovens. Estes indivíduos se compõem de maneiras diversas e são significativamente plurais, o que não significa que se isolam em suas composições. Sua diversidade se dá justamente pela pluralidade de relações que estabelecem, em que se movimentam nas agruras concretas de seu cotidiano, no campo dos sentidos e sensações, nas interações reais e virtuais, em suas redes culturais diversas.

Assim, este trabalho busca reconhecê-los a partir de seu território de vivência e convivência unindo dois lugares que lhes são comum: a escola e a cidade. E para além dos princípios teóricos colocados nesta seção, ressaltamos o pressuposto que norteia esse trabalho:

Pensar a juventude enquanto uma potência nos possibilita lançar mão da idéia de que o jovem possa ter uma existência homogeneizada reduzida a uma identidade cristalizada e que, por sua vez, mesmo imerso em uma sociedade de cultura de massa, na qual nos são ofertados modos únicos de existência, por vezes, recusa aos modos cristalizados de viver, reinscrevendo outros modos de existência (SILVA, 2009, p. 1)

3.2. Quando os jovens falam e são ouvidos

Diante da necessidade de ouvir os jovens, reconhecê-los, buscou se com este trabalho adentrar em seus territórios e entender como se relacionam com eles e os interpretam. Assim, foi proposto um diálogo com jovens da escola de educação básica Centro de Ensino Humberto de Campos sobre o que eles pensam e como se relacionam e dão sentido a cidade. Este é um colégio público administrado pelo governo do Estado do Maranhão e está situado no Bairro de Fátima na cidade de São Luís. Este bairro é bastante próximo das áreas centrais de grande movimento da cidade.

Esta localidade em que se encontra a escola é também onde grande parte dos estudantes moram. Especificamente, a pesquisa teve como foco os estudantes da 2ª série do turno matutino. Segundo o censo escolar o CE Humberto de Campos possui NSE III⁶, o que indica que

Neste [nível], os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como uma televisão em cores, um rádio, uma geladeira, um telefone celular, dois quartos e um banheiro; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e possuem acesso à *internet*; não contratam empregada mensalista ou diarista; a renda familiar mensal está entre 1 e 1,5 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) possuem ensino fundamental completo ou estão cursando esse nível de ensino (INEP, 2014, p. 3).

Informação atualizada da seguinte forma pelo INSE (2021),

Neste nível, os estudantes estão entre meio e um desvio-padrão abaixo da média nacional do Inse. Considerando a maioria dos estudantes, a mãe/responsável e o pai/responsável têm o ensino fundamental incompleto ou completo e/ou ensino médio completo. A maioria possui uma geladeira, um ou dois quartos, uma televisão, um banheiro, wi-fi e máquina de lavar roupas, mas não possui computador, carro, garagem e aspirador de pó. Parte dos estudantes passa a ter também freezer e forno de micro-ondas (INSE, 2021).

Segundo os dados do questionário 35% dos estudantes entrevistados moram no Bairro de Fátima, sendo que 55% moram com mais de 4 pessoas na mesma residência.

⁶ Indicador de nível socioeconômico das escolas: Trata-se de uma medida cujo objetivo é situar o conjunto dos alunos atendidos por cada escola em um estrato, definido pela posse de bens domésticos, renda e contratação de serviços pela família dos alunos e pelo nível de escolaridade de seus pais (Nota técnica INEP, 2014).

Dentre os entrevistados 46% disseram que 2 das pessoas da casa trabalham e 36,5 % disseram que apenas 1 pessoa da residência trabalha. Este conjunto de informações pode nos dar um prévio entendimento das condições concretas socioeconômicas dos jovens participantes desta investigação. Mais informações sobre essas perspectivas também serão apresentadas por eles próprios durante a roda de conversa. A questão etária não se coloca como fator primordial, mas dos alunos e alunas que participaram da pesquisa 46% tem 16 anos e 48% têm 17 anos, e ainda tivemos que 4% estão com 18 anos e 2% têm 15 anos.

Para aprofundar nossa compreensão sobre esses jovens e a cidade como seu território, foi realizado um diálogo por meio de duas formas de expressão em sala de aula: a roda de conversa e a exposição de fotos de localidades na cidade.

A primeira proposta realizada foi a roda de conversa no dia 29 de agosto de 2023 nas duas salas de 2ª série no momento das aulas da disciplina de Projeto de Vida. A atividade em si também faz parte das práticas próprias deste componente curricular. As dinâmicas corriqueiras e caracterização de Projeto de Vida facilitam o acesso ao mundo dos jovens, criando um clima mais descontraído nas interações professores – estudantes, o que facilitou bastante a livre e espontânea participação dos alunos e alunas neste trabalho. Nesta conversa a questão fundamental era compreender a relação entre estes estudantes e a cidade que residem, e em ambas as salas seguimos a mesma sequência de questões.

Na primeira sala começamos com a questão “o que é ser jovem na cidade de São Luís?”, que foi a mesma questão que encerrou a roda de conversa pois neste primeiro momento eles compreenderam esta pergunta como elemento introdutório da conversa. Ao perguntar sobre o cotidiano deles, se eles saíam muito de casa foi possível iniciar a interação. Muitos disseram que não saem de casa, que ficam mais envolvidos com atividades no celular, que não tem interesse em sair ou por preguiça. Quando saem seria mais por demandas familiares e rotinas da casa como ir à feira. Já os que saem disseram que há muitas coisas para se fazer na cidade e se indignaram com a outra ala por estes não aproveitarem as oportunidades. Alguns também apontaram que saem de casa para trabalhar ou para treinar. Ao mencionar as saídas de casa para atividades de lazer surgiram algumas localidades no espaço urbano de São Luís em que transitam. Para lazer as atividades indicadas foram idas à praça, praia, cinema, fazer piquenique na praia ou no parque Bom Menino (local próximo ao colégio). Conforme as falas foram surgindo

algumas questões significativas emergiram, como a questão econômica e a violência urbana. Alguns percebem a questão econômica como fator que pode os impedir de sair de casa e a maior parte deles apresentou relatos da sensação de insegurança em que vivem, tanto com receios quanto a cidade e principalmente em suas andanças pelo bairro e adjacências, inclusive no caminho para a escola. Com estas observações podemos pensar em como estes jovens constituem seus lugares no sentido de Cardoso e Turra Neto (2011), de forma diversa, em que mesmo com as dificuldades financeiras e medo da violência, eles encontram possibilidades de conexão e socialização, conseguindo dar sentido a suas realizações, aqui em específico por meio uso do celular com as redes sociais, jogos, expressões culturais como filmes, séries e músicas, possibilitando o acesso a informações e pessoas de maneira global. Segundo Cardoso e Turra Neto,

Dentro desse fluxo contínuo e desestabilizador, o lugar emerge como um espaço na qual os sentidos se aguçam, uma sede na qual as pessoas buscam refúgio, contudo, diferentemente dos localismos exclusivistas, tal ancoragem identitária e territorial pode ser construída em íntima relação com o global, através das novas tecnologias da informação e comunicação (2011, p. 8).

Ainda sobre este questionamento, foi possível constatar a pluralidade de trajetórias individuais, concepções de mundo, pressões sociais sentidas, dificuldades e vivências em uma única sala. Alguns alunos e alunas citaram que trabalham em casa ou em outras localidades, outros estão à procura de uma oportunidade no mundo dos esportes e dentre eles há ainda as brincadeiras na rua e o sair para soltar pipa em locais estratégicos para esta atividade. Uma das estudantes apresentou um comentário que poderia render muitas análises interessantes: seus amigos da escola que são também seus vizinhos não brincam mais na rua por precisarem ter uma postura de “machão⁷” (alguns desses amigos citados já estão no mundo do trabalho). Outra estudante disse se irritar com a rua pois é nela que estão as crianças fazendo barulho e brincando constantemente. A mesma jovem posteriormente nos contou que fica em frente de casa conversando com vizinhas e amigas, local que contempla a criançada e seus sons. Esta vivência das conversas em frente de casa apareceu em várias falas, e aqui se mostra a importância do Bairro, da rua nas construções culturais e socialização destes jovens.

O próximo questionamento fez referência as diferenças entre os bairros, e foi colocado como base de comparação o bairro deles com um dos bairros elitizados da cidade. A questão foi: Os jovens da Península/Calhau (bairros elitizados) são iguais aos

⁷ Por um acordo de confiabilidade com estes jovens, foi combinado que eles não teriam seus nomes expostos neste artigo.

jovens do Bairro de Fátima? Imediatamente disseram que são vidas de jovens completamente diferentes. Para estes estudantes os jovens dos bairros elitizados vivem presos em apartamentos, não participam da vida do bairro, da rua como eles e nem tem convívio próximo com seus vizinhos. Entendem a vida destes jovens elitizados como restritas, sem experiências diversas. Resignificam seu bairro, seu lugar, que mesmo com o grande quantitativo de relatos de violência, ainda assim é o território de suas vidas, que lhes proporcionam vivências importantes, criam afetividades e é o lugar que lhes dá sentido à vida. Com tudo, o bairro deles é o lugar de suas liberdades. Como experiência diferenciada dos outros citaram o caso em que 6 deles levaram um enquadro policial em frente à escola em um dia que estavam sem o uniforme escolar e iam jogar bola no colégio. Quando perguntei por que eles levam enquadro e os garotos da Península não passavam por essa experiência apontaram a questão das roupas, dos cortes de cabelo, dos brincos, que segundo eles essas vestimentas, postura e estética são vistas como de bandidagem. A questão racial não foi citada nesse episódio.

Como referência às manifestações culturais, esses jovens também vivem a cultura popular tradicional maranhense da cidade em seus bairros. Muitos citaram as manifestações de cultura popular tradicional do Bairro como momento importante de suas vivências. As festas de São João, com o Boi de Santa Fé e o carnaval com os bloquinhos tradicionais do bairro foram citados com muita alegria e encantamento por boa parte dos alunos e alunas. Este elemento é significativo para mais uma vez ressaltar a construção de si próprios caminhando entre fatores de influências globalizadas, com informações formatadas das redes sociais, e a intensidade de suas relações e vivências locais em seu bairro.

Na segunda sala da 2ª série do ensino médio em que foi aplicada essa dinâmica algumas questões sociais ficaram mais evidentes. Seria interessante ressaltar que nesta classe, diferentemente da anterior, os alunos moram em localidades mais distantes da escola, mas com perfis socioeconômico, estrutural e de violência urbana bastante parecida. Aqui não ficou evidente a posição do bairro como grande território de vivências, socialização e estabelecimento de afetos. Para estes jovens as territorialidades e vivências aparentaram serem um pouco mais diversos e plurais. Algumas questões pontuadas apareceram em similaridades quanto a percepção da situação juvenil em que jovens de bairros elitizados vivem mais isolados e eles conseguem ter mais convívio com as pessoas de seus bairros. A própria localização de seus bairros é importante fator para facilitar seus

acessos a cidade já que essas localidades, segundo eles, são próximas de tudo. Esta classe identificou, no entanto, que esses jovens da Península possuem mais oportunidades na vida. Mas que ficou mais evidente para esta sala foram as violências que eles passam em seu cotidiano. Falas tais como se sentir discriminado por ser do Maranhão, discriminados por morarem em bairros periféricos e discriminados por serem jovens. A presença da violência simbólica foi mais evidenciada e da violência física também pelas incertezas da vida juvenil no espaço urbano. As principais descrições deram conta de expor os olhares de desconfiança que recebem pelas ruas, a impossibilidade de irem a alguns bairros por conta do domínio de facções criminosas adversárias, as posturas violentas para com os garotos e as posturas de assédio sexual para com as garotas. Ao perguntar o que era ser jovem na cidade de São Luís os seguintes termos e frases emergiram: ser jovem em São Luís é ser pobre, é ser julgado, discriminado, é ser mal visto, é sofrer violência, mas também é ser feliz. É estar exposto a baixos índices de qualidade na educação. O jovem sofre muito com essas situações. É ser batalhador, é tentar ser feliz mesmo que não tenha motivos. É não se abalar com o que as pessoas falam. É acordar, trabalhar, fazer alguma coisa, sem saber se vai voltar vivo. É saber se divertir e que nem todo mundo vai te olhar com olhar ruim, sempre alguém vai te olhar com olhar positivo. Nestas falas há percepções diversas do sentido de ser jovem em São Luís, mas a violência que estão expostos grita e acaba por permear suas vivências e construções de sentidos e identidades. Aqui a relação com o espaço urbano está transpassada por descrições de hierarquia social, desigualdades sociais, e mostram também negações e permissões cotidianas ao quais estão sujeitos.

Na semana seguinte, o encontro da disciplina de Projeto de Vida foi com uma dinâmica de exposição de fotos de lugares de São Luís que os afetasse de alguma forma. A utilização de fotos pôde auxiliar na subjetivação dos objetos dispostos nas imagens a partir da relação que se estabelece entre o autor e o alvo da fotografia. Para este trabalho foi proposto que os alunos e alunas apresentassem fotos da cidade de São Luís, de locais que lhes proporcionassem algum tipo de sensação ou sentimento relevante, poderia ser algo positivo ou negativo. Além da exposição de suas fotos os estudantes também deveriam falar sobre a imagem, explicitando as motivações de suas escolhas. Com essa atividade foi possível detectar as emoções e sensações que certos lugares da cidade imprimem nesses jovens e suas movimentações no espaço urbano ludovicense. Lembrando que cada espaço dentro do território urbano tem suas próprias constituições

sociais simbólicas, construídas a partir de hierarquias sociais (Bourdieu, 2011) e permeadas de representações culturais.

Grande parte dos estudantes enviaram belas fotos da praia em que o principal destaque estava em elementos como o pôr do sol. Apareceram também fotos de outros pontos da cidade em que especificamente se visita para observação deste mesmo fenômeno. Um dos estudantes enviou uma foto do céu, e justificou que era um dos elementos que mais lhe causa encantamento. Ele quis também ressaltar que a foto foi tirada do seu bairro. Este aluno em específico mora distante do colégio, sendo assim distante também das áreas centrais da cidade, o que o faz permanecer bastante em casa envolvido com atividades em seu celular. Outro que apresentou uma visão diferente da cidade mostrou a foto de sua própria rua, local onde brinca com seus amigos vizinhos. Outro local também bastante acionado foi o centro histórico da cidade, que se caracteriza por localidades históricas e grande beleza arquitetônica. Local vinculado a manifestações populares da cultura ludovicense, que abriga uma gama de pessoas bastante diferentes e plurais. A maioria dos estudantes pensou nesse local como território de contemplação e liberdade, mas um deles apontou o centro histórico como lugar malvisto e sua imagem estaria atrelada a violência urbana e degradação.

Segundo os alunos e alunas a busca pela praia, pôr do sol, vislumbrar locais de beleza cênica arquitetônica e natural se realiza em busca de momentos de descontração em piqueniques com amigos ou simples encontros para conversas. Dessa forma, segundo eles, conseguiam momentos de paz e alívio de suas preocupações e tensões cotidianas. Outra fala ainda mais recorrente são as idas à praia com a família, endossando o perfil de alguns de serem jovens com laços familiares estreitos e que seus responsáveis o veem como indivíduos em transição, a adolescência – de jovens demais para saírem sozinhos, como foi apresentado na roda de conversa. Nenhum deles mora próximo as praias urbanas que são de mais fácil acesso. Quando não estão com familiares, utilizam o transporte público para chegarem nesses locais, trajeto que para todos demanda no mínimo 2 ônibus, e como frequentam esses locais aos finais de semana a quantidade de transporte público diminui significativamente.

Por meio das duas abordagens de pesquisa fica evidente que esses jovens, mesmo em sua pluralidade, são organismos vivos e dinâmicos no tecido urbano e se apresentam com necessidades de conexões e convívios solidários e não individualistas. Buscam a expressão de suas identidades e diferenças, e buscam ser reconhecidos por isto. Em várias

das perspectivas apontadas nas falas dos jovens deste estudo podemos observar fatores fundamentais da potência de vida abordada por Silva (2009), e de como esses estudantes, com questões aparentemente sutis, apresentam seus movimentos de rebeldia e resistência diante realidades adversas e imposições frequentes por enquadramento violento do mundo adulto globalizado. Sutilmente se colocam como divergentes em suas posturas, comportamentos, leveza, reconhecimento das diferenças e convívio com elas, roupas, cabelos, gírias, apego ao solidário e aos afetos. A presença destes indivíduos causa incômodos avassaladores; nos seus corpos demonstram posturas políticas silenciosas, mas agudas (Silva, 2009). Na porta de casa, jogando bola, brincando na rua, fazendo piqueniques em praias e parques, empinando pipas nos espaços públicos subvertem a ordem do capitalismo individualista segregador privatista moderno, e incomodam.

O que esses jovens apresentaram que para além do mundo tecnológico que transformam em seus lugares e territórios, o mundo da rua, do seu bairro, do espaço público também lhes pertence.

Distantes dos olhares e da tutela dos/as adultos/as, os/as jovens se reinventam ao reinventar estes espaços no encontro com o outro, transmutando-os em territórios carregados de significados e sentidos próprios. Sendo assim, as ruas também devem ser consideradas territórios educativos, que precisamos compreender melhor, enquanto educadores/as, na lida com as juventudes (LEAL; ALVES, 2021 p. 38).

[...] A rua, espaço público, é território em movimento, de encontro com o outro, de conflitos, de inspiração para a escrita, de manifestações das culturas juvenis. É um território que assim se configura por ser o espaço onde o sujeito está. “A rua é nós/ e nunca vai deixar de ser”, diz a letra da canção. (LEAL; ALVES, 2021 p. 38).

Estas posturas incomodam e desafiam, pois, expõe possibilidades de modos de vida que ameaçam o mundo disposto e reconhecido pelos adultos e velhos. São as disputas de poder do campo social. Eles são os sujeitos liminares, sujeitos que tensionam as fronteiras sociais, que podem apontar em suas sutilezas novos horizontes, deixam acuados os dominantes e assim mais propensos a sofrer violências diversas.

4. Considerações finais

Como categoria inventada por adultos, de forma a buscar seu controle dentro de um campo social de disputas, as juventudes vão buscando seus espaços e conformando seus territórios em suas relações e vivências. Mas quando a pensamos em termos educacionais se impõe a necessidade de observar os jovens para além das caracterizações

ordenadas pelo mundo social moderno, classista avesso as diferenças humanas e suas pluralidades. A desconexão entre educadores e educandos pode na realidade estar anterior ao momento atual. É um desencontro de construção da ideia elitista de escola, com seus conhecimentos ainda atrelados a cultura institucional que distingue conhecimentos que são considerados superiores. Esta questão está ligada a confusão da caracterização das juventudes como sendo um grupo único, e ausência de entendimento sobre elas tem acarretado prejuízos drásticos aos atores envolvidos nas dinâmicas educacionais. Para apreender melhor a questão, Carrano (2005) nos apresenta uma perspectiva crítica bastante interessante, nos incitando a reconhecê-los para além das ideias dadas,

Talvez algumas atitudes dos jovens que consideramos irracionais sejam, em verdade, críticas ao racionalismo que caracterizou durante muito tempo o ser humano moderno e ocidental. Os jovens que não compartilham das ideologias do progresso são hostis às doutrinas e às fórmulas que se voltam para as promessas de um futuro melhor. O acento é colocado muito mais na brevidade e na emergência do tempo. Os dias, semanas, meses são breves, e o futuro, incerto. O futuro distante passou a ser considerado por sua imprevisibilidade. A juventude grita/canta/dança que o futuro é agora! (CARRANO, 2005, p. 159).

E ainda sobre os processos de escolarização, se vê a dissonância entre a escola e os jovens. A escola aguarda o homogêneo, justamente o que as juventudes não podem oferecer (CARRANO, 2005). Mas podem oferecer muitas outras coisas que só é possível compreender ao reconhecê-los e entendê-los, como por exemplo possibilidades de transformação social. Os jovens são atores potentes que tensionam fronteiras⁸, que tentam experienciar para além dos mundos que lhes é imposto, buscando sutilmente novas vivências, que transgridam. São revisores de modos de sociabilidades, e escutá-los é uma possível alternativa de enxergar outros mundos possíveis. Por serem sobreviventes do sufoco da carga de expectativas alheias, eles emergem nas suas reconstruções cotidianas, buscando pelo ar nas conexões, e assim se colocam dispostos a forjar ou experimentar novas configurações em identidades plurais em seus territórios locais e globais.

5. Referências

ABRAMO, Helena Wendel. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Revista Brasileira de Educação, n. 05, 1997.

⁸ Para pensar no termo fronteiras, utilizamos Bhabba (2005): “O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do *continuum* de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradição cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético ela renova o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver” (BHABBA, 2005, p. 27).

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira-INEP. *Nota técnica: Indicador de nível socioeconômico das escolas*. 2014.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira-INEP. *Indicador de Nível Socioeconômico do Saeb disponível-INSE*. 2021. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/saeb/indicador-de-nivel-socioeconomico-do-saeb-disponivel>. Acesso em 04 set. 2023.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de século – Edições, Sociedade Unipessoal – LTDA, p. 153 – 162, 1984.

_____. Efeitos do Lugar. In: BOURDIEU, Pierre (org). *A Miséria do Mundo*. 8ª. Ed, Petrópolis: Vozes, p. 159-166, 2011.

CARDOSO, Diogo da Silva; TURRA NETO, Nécio. *Juventude, cidade e território: esboços de uma geografia das juventudes*. Anais I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidade, UFJF, 2011.

CASSAB, Clarice. *Os jovens e a cidade: relações e representações*. Revista de Geografia, UFPE: Recife, n. 1 jan/abr, v. 27, 2010.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Identidades juvenis e escola In: Departamento de Educação de Jovens e Adultos/Secad e Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil-RAAAB (orgs). *Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, p. 153-163, 2005.

KOLINSKI, Mariane C. RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. A Metropolização da Questão Social e as Desigualdades de Oportunidades Educacionais no Brasil. In: ALVES, Fátima. KOLINSKI, Mariane C. LASMAR, Cristiane. RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. (orgs). *Desigualdades Urbanas, Desigualdades Escolares*. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles: IPPUR/UFRJ, 2010.

LEAL, Álida Angélica Alves; LIMA, Gerson Diniz. *Juventudes e território: o campo e a cidade*. Ebook - Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021.

SILVA, Roberta Grangel da. *Corpos juvenis e territorialidades urbanas*. Anais do XV Enabrapso, 2009.